

A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA TRANSFORMADORA DA COMUNICAÇÃO COM AS FAMÍLIAS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Data de submissão: 24/01/2025

Data de aceite: 05/02/2025

Jéssica Pereira

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Instituto Politécnico de Leiria
Leiria, Portugal

Luís Miguel Gonçalves de Oliveira

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais I CI&DEI – Centro de Estudos em Educação e Inovação - Instituto Politécnico de Leiria
Leiria, Portugal
<http://orcid.org/0000-0003-3946-4374>

RESUMO: A documentação pedagógica revela a criança, a sua forma de pensar, de sentir, de agir, de aprender e de ser. Neste sentido, a documentação pedagógica torna-se um meio importante de comunicação com as famílias. Foi realizado um estudo no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na ESECS do Instituto Politécnico de Leiria, Portugal. O presente artigo tem como objetivo demonstrar a importância da documentação pedagógica enquanto elemento transformador da comunicação com as famílias, através da perspetiva das mesmas. Foi possível verificar que, através de um contacto próximo, direto e contínuo com documentação pedagógica, as famílias

acompanharam a vida das suas crianças no jardim de infância, o que permitiu uma maior proximidade, confiança e conhecimento relativamente aos processos vividos pelo grupo e pelas crianças de forma individual. As famílias valorizaram a documentação pedagógica realizada e demonstraram motivação e interesse em colaborar com o jardim de infância, dado que visualizavam o envolvimento das crianças no seu próprio processo de desenvolvimento e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Infância; Documentação Pedagógica; Comunicação; Partilha; Crianças; Agência;

THE PEDAGOGICAL DOCUMENTATION AS A TRANSFORMATIVE STRATEGY FOR COMMUNICATION WITH FAMILIES IN PRESCHOOL EDUCATION

ABSTRACT: Pedagogical documentation reveals the child, their way of thinking, feeling, acting, learning, and being. In this sense, pedagogical documentation becomes an essential means of communication with families. A study was conducted within the scope of the Master's Degree in Preschool Education, carried out at ESECS, Polytechnic Institute of Leiria, Portugal.

The present article aims to demonstrate the importance of pedagogical documentation as a transformative element in communication with families, through their perspectives. The findings revealed that through close, direct, and continuous contact with pedagogical documentation, families were able to follow their children's experiences in kindergarten. This process fostered greater proximity, trust, and understanding of the group's dynamics as well as the individual developmental processes of each child. Families valued the pedagogical documentation and showed motivation and interest in collaborating with the kindergarten, as they could observe their children's active engagement in their own developmental and learning processes.

KEYWORDS: Early Childhood Education; Pedagogical Documentation; Communication; Sharing; Children; Agency

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende demonstrar que a Documentação Pedagógica que revele o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças é um meio poderoso para transformar a comunicação com as famílias, aproximando os dois contextos.

O artigo decorreu de um estudo desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na ESECS do Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.

O estudo teve como pergunta de partida “De que modo a construção de documentação pedagógica pode contribuir para a comunicação com as famílias?”. De modo a dar resposta à questão, delinear-se-iam objetivos, nomeadamente: Aprofundar o conceito Documentação Pedagógica; Conhecer as características, tipos e finalidades de Documentação Pedagógica; Conhecer a perspetiva das famílias sobre o processo de documentação na Educação Pré-Escolar; e Refletir sobre o processo de construção de Documentação na Educação Pré-Escolar.

Pretende-se destacar o papel da Documentação Pedagógica na relação com a família. Neste sentido, demonstra-se a perspetiva de algumas famílias num período anterior e posterior ao contacto com diferentes tipos de documentação pedagógica. A Documentação foi construída para e com as crianças, tendo como foco a ação das mesmas, revelando as suas vivências no jardim de infância.

A documentação construída possibilitou que as famílias compreendessem algumas das características, funções e tipos de documentação pedagógica. A dinâmica criada transformou a comunicação entre o jardim de infância e a família neste contexto em particular, o que revela o potencial transformador da documentação pedagógica de qualidade e que coloca a criança no centro como agente no seu processo de aprendizagem.

Documentação Pedagógica: Conceito e Origem

Em Portugal, segundo Oliveira (2024) questões como “*porquê* de documentar os processos da criança, *como* documentar, *como* organizar as produções das crianças, *como* e *quem* envolver no processo de documentação, *como* construir portefólios ou

documentações de parede, ou *como* selecionar trabalhos e experiências das crianças, ainda gera dúvidas e inquietações em muitos profissionais e equipas” (p. 18).

Na segunda metade do século XIX e durante todo o século XX, dos diálogos constantes sobre metodologia de investigação, surgiram as atuais teorias e conceitos acerca da documentação pedagógica. Esta documentação, na perspectiva de Oliveira-Formosinho e Pascal (2019), que revela a aprendizagem das crianças e dos agentes educativos, carece de conhecimento teórico, conceptual e de elucidação sobre como a realizar.

A documentação pedagógica, conforme Lima (2019) “representa uma das conquistas do século XX no âmbito da pedagogia da infância, visto que visibiliza cada criança na sua competência e agência e desafia à criação de respostas (situações) educacionais respeitadas das identidades plurais emergentes, de participação, de direitos” (p.3). A documentação pedagógica torna visível [o desenvolvimento e] a aprendizagem das crianças num determinado contexto educativo. Deste modo, a documentação está no centro do processo de desenvolvimento da criança nesse contexto (Oliveira-Formosinho e Pascal, 2019).

Podemos entender a documentação pedagógica como um meio para avaliar o processo de aprendizagem da criança. Assim,

Documenta-se para conhecer a criança, para vê-la pensar, sentir, fazer e aprender. Documenta-se para criar e mostrar outra imagem de criança. Cria-se material de grande autenticidade porque se refere à vivência, à experiência de cada criança e do grupo. Usa-se esse material para projetar a ação educacional, para partilhar com as famílias e com a organização, para monitorar o cotidiano de ensino e a sua relação com as aprendizagens das crianças, para fazer investigação praxeológica (Oliveira-Formosinho e Pascal, 2019, p.122).

Também Fochi (2021), apresenta a sua definição de documentação pedagógica, afirmando que a olha como uma estratégia e não como instrumento, uma vez que “o conceito de documentação pedagógica envolve um modo de olhar, de refletir, de fazer, de pensar e de narrar o cotidiano pedagógico e as aprendizagens das crianças e dos adultos” (p.145).

Na perspectiva de Gonçalves (2021), a DP “surge como uma segunda pele” (p.135). Dado que revela o pensamento, cria memória, é um meio para conhecer o outro, possibilita a informação e a comunicação dos processos vividos, pode ser a base do planeamento e reflete a ação educativa. O autor esclarece que os registos produzidos não são sinónimo de existência de DP. No entanto toda a DP necessita de registos de qualidade.

De acordo com Lopes da Silva et al. (2016), o educador deve observar a criança e registar, com recurso a diversos suportes, os aspetos que considere relevantes para que a consiga olhar nas diferentes áreas e, desse modo, ser capaz de a localizar no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Oliveira-Formosinho e Pascal (2019) defendem que

“a organização, análise e interpretação dessas diversas formas de registo constitui-se como um processo de documentação pedagógica, que apoia a reflexão e apoia o planeamento e a avaliação” (p.14).

Características da Documentação Pedagógica

Tal como afirmam Cardona et al. (2021), o quotidiano no jardim de infância é propício ao surgimento de diversos registos que traduzem as vivências das crianças. No entanto, estes registos apenas são significativos e apresentam valor pedagógico se for possível “compreender melhor o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças e os processos que os influenciam, para, assim, se poder planear o que fazer a seguir” (p.87). É no seguimento desta linha de pensamento que os autores afirmam que registar não é sinónimo de documentar. Para que os documentos produzidos possam sustentar a prática do educador estes devem passar por uma seleção, organização e análise. Desta forma, estarão a revelar o processo pedagógico vivido, com o objetivo de conceder sentido às aprendizagens efetuadas, tornando-se, assim, um suporte à planificação e à avaliação.

Para Marques e Almeida (2012), o processo metodológico da documentação inicia na escolha do que documentar, seguindo-se de recolha ou elaboração de evidências/registos que dão corpo à documentação. O autor também defende que é crucial criar um “fio condutor que perpassa a narração e permite o aprofundamento da compreensão da experiência e comunicação da mensagem” (p.459).

No que diz respeito à produção de registos para a documentação, Gonçalves (2021), afirma que esses mesmos registos implicam a “análise, a seleção, a organização, o armazenamento, e, também, a divulgação e a socialização” (p.135).

Tipos de Documentação Pedagógica

No parecer de Balsamo citado em Marques e Almeida (2012), existem quatro tipos de documentação. Nomeadamente, *a documentação para si*, que consiste na documentação que o educador realiza com o objetivo de refletir sobre a sua intervenção; *a documentação para o outro*, que permite divulgar a sua ação; *a documentação para a criança*, que consiste na produção de memória do processo experienciado; *A documentação da criança por si mesma*, em que a criança cria o testemunho da memória.

Cardona et al (2021), apresenta a sua perspetiva, afirmando que é possível distinguir os documentos tendo em conta a sua finalidade. Na medida em que, alguns documentos são de utilização exclusiva do educador e/ou da equipa pedagógica, outros são destinados à utilização das crianças e, no que diz respeito às famílias, alguns documentos são divulgados com as famílias e outros poderão ainda ser para as famílias (Cardona et al., 2021).

No que diz respeito aos documentos produzidos com as crianças ou pelas crianças, estes revelam-se fundamentais porque são registos construídos e usados com regularidade no quotidiano do grupo. Estes podem corresponder aos registos de apoio à organização do grupo de crianças e às produções das crianças. Os primeiros dizem respeito aos instrumentos de registo do grupo, nomeadamente mapas de tempo, presença, tarefas e utilização das áreas da sala. No que concerne às produções das crianças, que podem ser quer de forma individual quer em grupo, sendo estes, por exemplo desenhos, pinturas, construções, entre outros (Cardona et al., 2021).

Dar forma à Documentação Pedagógica

No que respeita aos aspetos a considerar para “dar forma a um projeto de documentação”, as autoras realçam a importância da estética. Neste sentido destacam a relevância de se produzir documentação “bela e organizada” (Malavasi e Zoccatelli, 2019, p.52), estando esta relacionada com a “estética da linguagem, estética do cuidado, estética da relação, estética dos lugares de interpretação das práticas e de experiências” (p.52). A beleza, o cuidado, a clareza, a organização, o minimalismo são essenciais na forma e no conteúdo. Em concordância, Cardona et al. (2021), afirmam que independentemente do tipo de documentação, é fundamental que a mensagem a transmitir seja explícita, quer no conteúdo como na forma. Esta última está intimamente relacionada com o rigor estético, que é imprescindível (Cardona et al., 2021).

Outro aspeto considerado central durante a construção de documentação é a relação e o equilíbrio entre palavras e imagens. Apesar de as autoras considerarem que esta relação é decisão pessoal de cada educador, referem que deverá existir uma relação “harmoniosa, complementar, ligeira, fluida e coerente” (p.52). A harmonia destes dois elementos torna a mensagem mais sólida, dado que a imagem concede a possibilidade de ver a experiência vivida. No entanto, se despida de informação escrita, poderá conduzir a interpretações distantes da realidade vivida. Malavasi e Zoccatelli (2019) sublinham que “a fotografia, por exemplo, é um documento sobre o qual é importante dar uma interpretação para que se torne numa ação documental” (p.22). Destaca-se a importância da simplificação da documentação.

Nos últimos anos têm-se vindo a observar o aumento da utilização de fotografias e vídeos como instrumentos de registo, dado ser um meio bastante acessível. No entanto, é fundamental que o educador privilegie a privacidade das crianças, uma vez que é um direito das mesmas. Com a utilização destes meios, pretende-se que se selecionem aspetos que se considerem mais importantes para serem registados e não uma “reportagem” de tudo o que se passa (Cardona et al., 2021).

Documentação Pedagógica e a Relação com a Família

A base para uma parceria de qualidade e de sucesso é uma boa comunicação entre o jardim de infância e a família. Neste sentido, “são necessários bons canais de comunicação, com uma utilização adequada, que permitam uma troca de informação (positiva, clara, objetiva) frequente, mantendo todos os intervenientes em contacto, acompanhando o processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças” (Mata & Pedro, 2021, p.50). É fundamental “uma comunicação franca, regular e recíproca, em que os avanços são comemorados, problemas confrontados, soluções são buscadas e políticas são implementadas, conjuntamente” (Pascal & Bertram, 2019, p. 79). Na mesma linha de pensamento, Mata & Pedro (2021) afirmam que “comunicação deve ser “com” as famílias, e quando assim é há diálogo, escuta ativa, resposta e valorização dos contributos de todos” (p.39).

Desta forma, todos os envolvidos beneficiam. As famílias acompanham o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e conhecessem a prática pedagógica desenvolvida naquele contexto educativo. Assim, vão sentir-se valorizadas e será possível valorizar o trabalho desenvolvido pelos educadores de infância. Por sua vez, os profissionais, através de uma boa comunicação, conseguem conhecer as expectativas e práticas da família, criando respostas educativas holísticas e consistentes. As crianças têm um papel fundamental, dado que “ ao serem envolvidas, apercebem-se da proximidade entre os dois contextos, da importância da comunicação entre eles. Vão também tomando consciência dos objetivos, dos seus progressos e da sua valorização” (Mata & Pedro, 2021, p.47).

Poderão, no entanto, surgir dificuldades na realização de uma comunicação eficaz, clara e objetiva. É importante analisar as estratégias utilizadas e adaptá-las e diversificá-las, de modo a que se tornem adequadas às necessidades das famílias (Mata & Pedro, 2021).

A partilha entre a instituição e a família, permite uma reflexão conjunta acerca “das experiências que as crianças estão a viver, representa investir na construção partilhada da história de crescimento de cada criança” (p.36).

“Estes momentos permitem aos pais e aos educadores criar em conjunto o enredo do percurso de desenvolvimento das crianças, que cruza e mantém unidas a vida em família e a vida na creche e no jardim de infância, numa continuidade de experiências que dialogam entre si e se alimentam e apoiam constantemente” ((Malavasi e Zoccatelli, 2019, p.36).

A documentação pedagógica permite que as famílias possam observar e conhecer as crianças a partir de outros olhares, de outras perspetivas. Cardona et al. (2021), reforçam que com recurso à internet torna-se mais fácil a divulgação e comunicação do quotidiano com as famílias. Outro recurso utilizado pelos educadores com o objetivo de reunir informações sobre as crianças, é a entrevista aos pais. Os autores também evidenciam as

narrativas de práticas, que dizem respeito a

“descrições pertinentes do que acontece no grupo, do que, a nível individual, é vivido por cada criança, e podem ser um importante auxiliar para a autoavaliação e avaliação do trabalho para o/as profissionais, crianças e famílias, apoiando também o processo de planeamento” (Cardona et al., 2021, p.95).

Documentação Pedagógica Enquanto Instrumento de Formação em Contexto

Edwards et al. (2016) referem que na base do planeamento está a preparação e organização do ambiente para a aprendizagem, nomeadamente no que diz respeito aos materiais, ao espaço e às situações. Na perspetiva dos autores o questionamento deve estar no centro da ação do educador. O seu trabalho deve ser revelado, através da comunicação e da documentação de experiências vividas por crianças e adultos. Assim, sublinham a importância da comunicação entre as crianças, os profissionais de educação e as famílias, dado que na sua perspetiva são os três protagonistas no que respeita à vida no JI. Por essa razão, afirmam que o JI deve privilegiar o bem-estar de todos os envolvidos.

Cardona et al. (2021) esclarecem que, muitas das vezes, os educadores para substituírem os registos de observação trabalham com as “grelhas de observação”. São consideradas pelos mesmos como instrumentos “cujas finalidades são pouco claras e/ou não acrescentam informação útil para a avaliação e planeamento do trabalho” (p.92). Na perspetiva dos autores, nestes instrumentos são avaliadas competências cujo desenvolvimento ocorre ao longo do tempo (Cardona et al., 2021).

A capacidade de construção de instrumentos de registos de observação é uma competência fundamental que os educadores de infância devem possuir. Compreendendo que o objetivo dos mesmos é o planeamento de novas experiências e avaliação do processo, de forma qualitativa. Naturalmente, cada educador, adapta os registos à sua prática diária, conforme se organizar melhor, o que implica formação e treino. No entanto, “há diferentes *modelos pedagógicos* que propõem formas de registo; existem também *escalas de observação nacionais e internacionais* que podem ser recursos importantes para os/as educadores/as” (Cardona et al., 2021, p.93).

O processo de tratamento dos registos recolhidos é revelador da identidade pedagógica do educador, já que as suas convicções influenciam esse mesmo processo. A interpretação que o profissional de educação faz desses registos está relacionada com a sua imagem de criança e, conseqüentemente, com o que valoriza no processo de aprendizagem das crianças. Deste modo, Cardona et al. (2021) defendem que, aquando do início do ano letivo, o educador, no Projeto Curricular de Grupo deve incluir a dimensão da documentação pedagógica, dado que é fundamental para o processo de planear e avaliar.

O ato de documentar pressupõe uma reflexão que, por consequência, afasta os educadores da monotonia das propostas educativas, já que atribuem significados às

experiências realizadas, refletindo sobre as suas decisões. Deste modo, a prática, que leva à reflexão e consequente discussão entre a equipa, permite ao educador a importante capacidade de questionar a sua prática, o que conduz ao crescimento profissional (Malavasi e Zoccatelli, 2019).

O educador deve ter uma postura investigativa na qual o seu objetivo é conhecer a criança. Embora seja complexo ser-se inteiramente objetivo, durante o processo anteriormente referido, é crucial que o educador seja o mais objetivo possível, para que se consiga alcançar um conhecimento mais aberto sobre a criança (Kohn, 1974, citado em Cardona et al., 2021).

Muitas das vezes, o educador acaba por, na elaboração da documentação pedagógica, excluir a sua participação, como se não participasse no momento e não reflete sobre as situações representadas. No entanto, a documentação expõe a ação do educador. No processo de documentar, o educador tem o dever de - além de, como referido anteriormente, dar visibilidade às experiências das crianças - revelar e valorizar o trabalho dos adultos. Partindo deste pressuposto, é fundamental a partilha entre os educadores e profissionais que façam parte da equipa, para a possibilidade de reflexão conjunta e debate de ideias, o que permite entender as vivências dos outros. Quando as instituições partilham as suas vivências com a comunidade, estão a “tornar visível a cultura da infância” (Carla Rinaldi citada por Malavasi e Zoccatelli, 2019, p. 37).

Documentar significa registar as experiências vividas na creche ou no JI.

“Documentar é assim uma forma de trabalhar que permite aos adultos ler, percorrer, avaliar e – em consequência – repensar as etapas da atividade educativa. A documentação pedagógica está no interior da ação educativa e alimenta os processos de conhecimento dos adultos, ao não se limitar apenas a conhecimentos e competências relativas a um saber-fazer, mas exprime também um estilo educativo, um saber-ser educador de modo mais consciente e, por este motivo, representa um instrumento essencial para o crescimento profissional” (Malavasi e Zoccatelli, 2019, p.150).

Oliveira-Formosinho e Pascal (2019), afirmam que o processo de descoberta dos educadores sobre a DP remete para a Formação em Contexto. Uma vez que diz respeito às questões que surgem no quotidiano, nas salas das instituições, que contribuem para o processo de aprendizagem sobre o desafio de documentar o quotidiano.

METODOLOGIA

Problemática e Objetivos do Estudo

O estudo decorreu numa instituição da rede pública portuguesa, no contexto de jardim de infância. A questão de investigação deste estudo é: *De que modo a construção de documentação pedagógica pode contribuir para a comunicação com as famílias?*

Com o objetivo de responder à questão, foram delineados os seguintes objetivos de

estudo: Aprofundar o conceito Documentação Pedagógica; Conhecer as características, tipos e finalidades de Documentação Pedagógica; Conhecer a perspetiva das famílias sobre o processo de documentação na Educação Pré-Escolar; e Refletir sobre o processo de construção de Documentação na Educação Pré-Escolar.

Opções Metodológicas

Esta investigação é considerada qualitativa. Bogdan & Biklen (1994) apresentam as cinco características da investigação qualitativa. Primeiramente, destacam que a fonte direta de recolha de dados é o ambiente natural, isto é, o local de estudo. Outra característica diz respeito à dimensão descritiva da investigação qualitativa, dado que os dados recolhidos não podem corresponder a números, correspondendo a palavras ou imagens. Outro aspeto fundamental deste tipo de investigação é o facto de não se privilegiarem os resultados ou produtos, o foco dos investigadores é o processo vivido.

Contexto e Participantes no Ensaio Investigativo

A presente investigação foi realizada numa instituição da rede pública, na periferia de Leiria, Portugal. O estudo ocorreu na valência de Jardim de Infância, numa sala com vinte e cinco crianças com idades compreendidas entre os dois e os seis anos de idade. Todas as crianças do grupo participaram no estudo.

Participaram no estudo as famílias das crianças. Relativamente ao preenchimento dos questionários, dos vinte e cinco pais a quem foram enviados, no primeiro participaram doze e no segundo participaram treze.

Técnicas e Instrumentos de Recolha e Análise dos Dados

O primeiro passo da investigação consistiu na realização de uma revisão de literatura acerca da documentação pedagógica. Posto isto, foi definida a problemática de estudo, os objetivos e os participantes.

A recolha de dados iniciou no dia 21 de novembro de 2022 com a realização do primeiro questionário. Posteriormente foi construída documentação pedagógica *para e com* as crianças, que foi exposta nas paredes da instituição e enviada via e-mail para os encarregados de educação. Foi realizado um questionário final aos pais e uma entrevista à educadora, terminado assim a recolha dos dados no dia 7 de fevereiro. No quadro 1, encontra-se a organização do processo de recolha de dados:

Recolha de Dados			
Técnicas de Recolha de Dados	Instrumentos de Recolha de Dados	Intervenientes	Datas
Inquérito por questionário	Guião de inquérito por questionário	Encarregados de Educação e investigadores	Primeiro inquérito: 21 de novembro de 2022 Segundo inquérito: 27 de fevereiro de 2023
Registo de Ocorrências Significativas	Análise Categorical	Crianças e investigadores	
Documentação Pedagógica	Análise da Documentação Pedagógica	Crianças, investigadores	Outubro de 2022 a janeiro de 2023

Quadro 1: Organização da Recolha e Análise de Dados

As técnicas de recolha de dados são definidas por Vilelas (2009), como “qualquer recurso que o investigador pode recorrer para conhecer os fenómenos e extrair deles a informação” (p. 265). As técnicas utilizadas foram a observação, a análise documental e o inquérito por questionário.

Na perspetiva de Vilelas (2009), a observação consiste na utilização dos sentidos para obter dados importantes, que têm como objetivo dar resposta à investigação. A observação, no caso desta investigação, é estruturada e participante. A observação estruturada ocorre quando o investigador conhece o contexto e define os aspetos que pretende observar, realizando previamente as formas de registo. A observação diz-se participante quando a pessoa que investiga se insere no contexto, tendo “uma dupla tarefa: desempenhar algumas rotinas dentro do grupo, como se a ele pertencesse, ao mesmo tempo que vai recolhendo os dados de que necessita para a investigação” (p.273). Para além da observação direta foi realizada observação indireta aquando do recurso ao registo através de fotografias e gravações de áudio.

Sousa (2009) define a metodologia de inquérito como a formulação de um conjunto de questões dirigidas aos sujeitos. Os instrumentos deste método poderão ser questionários, entrevistas e testes. No que diz respeito ao questionário enviado pelo correio, o autor apresenta as vantagens e desvantagens. No que diz respeito às primeiras, defende que esta é uma forma de chegar a uma amostra maior e mais dispersa, durante o preenchimento os inquiridos têm tempo para refletir, podendo responder no seu tempo e é garantida a confidencialidade. No entanto, uma das suas desvantagens está relacionada com a pouca percentagem de questionários devolvidos.

A triangulação é caracterizada por Sousa (2009) como o ato de “observar de diferentes pontos de vista” (p.172). No âmbito da educação, diz respeito a uma metodologia que consiste na observação de um fenómeno “de três (ou mais) pontos diferentes, por diferentes observadores e com diferentes instrumentos. O propósito desta metodologia de investigação é realizar a análise dos dados recolhidos, estudando-os e comparando-os

entre si. Neste caso concreto os procedimentos foram os inquiridos por questionário aos pais e as observações.

Para a análise dos dados recolhidos, optou-se pela análise de conteúdo, onde as informações foram agrupadas tendo em conta categorias de análise. Estas são definidas por Bardin (2016) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p.44). Recorrendo às categorias definidas pelo investigador, são realizadas inferências. De acordo com Vilelas (2009), a análise por categorias consiste na organização do texto em categorias, de acordo com ligações lógicas.

Procedimento investigativo

A recolha de dados iniciou aquando da autorização dos pais. Inicialmente, foi enviado um questionário aos pais. Posteriormente, foi realizada a documentação pedagógica, partilhada com o grupo de crianças. Foi realizada documentação pedagógica com o grupo de crianças: documentação de parede, diários individuais com catorze crianças e um portefólio individual de uma criança do grupo. Foi realizada observação dos momentos de partilha em grande e em pequenos grupos, bem como da interação do grupo com a documentação pedagógica. Os documentos produzidos foram expostos no alpendre da instituição e enviados, via *email*, para os pais. Posteriormente, foi enviado um novo questionário aos pais com o objetivo de compreender de que forma a construção da documentação pedagógica influenciou os seus conhecimentos sobre a mesma.

Ao longo do processo, foram realizadas notas campo e captadas fotografias relevantes para a investigação. Posteriormente os registos foram transcritos e analisados, para se proceder à discussão dos resultados.

Apresentação, Análise de Dados e Discussão dos Resultados

No primeiro questionário, 58,3% dos doze pais afirmam saber o que é a DP. Destes, três devido a contacto com outros JI, três em contexto profissional e um por curiosidade. Dos pais que apresentaram uma definição de DP, são evidentes duas categorias: *a)* documentos do educador sobre as crianças, *b)* produções das crianças.

No segundo questionário e após o contacto com a DP construída pela investigadora, dos treze inquiridos, 69,2% afirmam compreender o conceito de DP, dando definições, nomeadamente, “registo de atividades das crianças, tendo como base o registo da própria criança, com base nos seus interesses”, “é a documentação que reflete as aprendizagens dos alunos e que é concretizada com os docentes através de comunicações escritas e/ou ilustradas” e “todos os relatos referentes a atividades desenvolvidas nas escolas e desenvolvimento das crianças através das mesmas”.

Os pais foram questionados sobre a evolução do conceito de DP ao longo

dos últimos meses, tempo em que a DP foi exposta e enviada por *e-mail*. 61,5% dos inquiridos respondeu positivamente, justificando “porque através do registo fotográfico fui acompanhando os interesses do meu filho”, “ele evoluiu bastante, principalmente na relação da prática com a teoria e na explicação em casa do que faz diariamente na escola”, “sim, só percebi o que era após receber da vossa parte a referida documentação”, “sim, devido ao trabalho feito com as estagiárias”, “foi-nos dada a possibilidade de ver esses registos e ficando assim inteirados das atividades das crianças” e “sim, com a ajuda dos relatórios enviados pela escola”.

Através da análise realizada aos dados recolhidos é evidente no primeiro questionário algum desconhecimento dos pais no que concerne à DP, apesar de mencionarem conhecer o conceito, não apresentam uma definição. No entanto, o contacto proporcionado à comunidade do JI com a DP, permitiu que os pais se apropriassem de algumas das suas características e finalidades. Os aspetos mencionados pelos pais corroboram as características apresentadas na dimensão teórica. A DP é mencionada pelos mesmos, como uma dimensão que espelha as vivências das crianças no JI, tal como afirma Oliveira-Formosinho e Pascal (2019), quando sublinham a importância da criação de documentação de qualidade para que a vivência de cada criança e do grupo seja partilhada com a comunidade.

Aquando da apresentação da definição de DP, ao contrário do que defendem alguns autores, nenhum inquirido relaciona a DP com a dimensão que diz respeito a revelar o trabalho do educador. Cardona et al. (2021) refere que a DP revela a identidade pedagógica do educador de infância. Na mesma linha de pensamento Malavasi e Zoccatelli, (2019), afirma que a DP expõe a ação do educador e que, por essa razão é fundamental que os profissionais valorizem o seu trabalho. É notório que os inquiridos colocam a criança no centro do processo de documentar, no entanto, não relacionam o processo de documentar com a identidade profissional.

Características, Funções e Propósito da Documentação Pedagógica

Relativamente à importância da DP no JI, quando questionados, no primeiro questionário, os pais afirmam ser importante dado que “nem sempre estamos informados e o trabalho muitas vezes leva-nos a estar um pouco ausentes, mais do que gostaria. Para as crianças é importante visualmente registarem atividades, verem-nas várias vezes faz com que esse conhecimento não desapareça”, para “estimular o desenvolvimento da criança e para haver uma ponte /ligação com a família”, “para registar a evolução de cada criança”. No entanto, alguns pais revelaram desconhecer a importância da DP no JI, afirmando “desconheço”.

No mesmo questionário, no que diz concerne à evidência do processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, a partir da documentação, 60% dos

inquiridos responde positivamente, afirmando que “seria sim... mas neste momento não temos acesso”, “sim, se a recolha for adequada e variada permite conhecer as suas vivências, através de registo fotográfico, de vídeos dos trabalhos e atividades realizados” e “sim, porque havendo registo de tempo a tempo torna-se visível a evolução do desenho por exemplo. Ao início não sabem fazer uma figura “humana” mas com o decorrer do tempo já conseguem desenhar algo que seja parecido.”

No segundo questionário, e relativamente à mesma questão, 84,6% dos inquiridos respondem positivamente. Os pais que consideram que o desenvolvimento e a aprendizagem são evidentes, afirmando que “através dessa documentação fui acompanhando a evolução do meu filho nas atividades”, “tem um acesso visual mais direto e de fácil compreensão”, as crianças “a visualizarem a mesma acabam por se questionar e reter informação mais facilmente”, “ajuda a perceber o que fizeram, conhecimentos que adquiriram e onde tiveram mais dúvidas” e “o facto de estar visível diariamente a criança passa a “absorver” essa informação”. Um dos inquiridos afirmou preferir a “DP digital”, argumentando que esta preferência ocorre “devido à maior acessibilidade. É evidente pelas fotografias, pelas frases reproduzidas a partir do discurso oral, pelos desenhos. Se fosse digital, o feedback seria mais efetivo”.

No seguimento desta resposta torna-se relevante compreender a perspetiva dos pais relativamente ao envio da DP via *e-mail*. 92,3% dos inquiridos considera uma mais-valia receber a DP através desse meio. São apresentadas razões como o facto de “o local onde se encontra exposto é um local onde os pais nem sempre vão”, “mais acessível e posso guardar”, “para poder estar a par do desenvolvimento do meu filho mais assiduamente”, “porque nem sempre podemos ir à escola e no *e-mail* é um registo que fica para a vida, não se perde” e “mais fácil acesso e com liberdade de poder analisar e ver com mais calma a hora que for mais conveniente”. Cardona et al. (2021) corrobora esta perspetiva, afirmando que a internet facilita a comunicação e divulgação do quotidiano com as famílias.

Relativamente à compreensão das vivências das crianças no JI com base na DP, no segundo questionário, apenas dois dos treze inquiridos responderam negativamente. De um modo geral, os inquiridos que responderam positivamente mencionaram razões como o facto de a partir da mesma ser possível compreender “alguns dos comportamentos tidos em casa após a experiência”; “permite estar a par da aprendizagem e evolução nas várias áreas”; é referido por um dos inquiridos que estar a par do que acontece no JI permite aproveitar e complementar as experiências vividas, o mesmo inquirido refere que “a Clara demonstra sentir muito orgulho ao mostrar no mural os seus trabalhos e eu também ficou orgulhosa com o entusiasmo dela ao fazer novas aquisições”. Um dos inquiridos afirma que a informação escrita que complementa as fotos permite compreender as vivências no JI e que desse modo, é possível conversar com o filho em casa sobre as suas experiências. Torna-se clara, com base nestas afirmações, a importância da relação entre a escola e a família, na perspetiva da própria família. No olhar de Malavasi e Zoccatelli (2019), essa

relação “representa investir na construção partilhada da história de crescimento de cada criança” (p.36), tal como é evidente nos dados apresentados.

Tipos de Documentação Pedagógica

No primeiro questionário, dos doze inquiridos, apenas três indicam os tipos de documentação que conhecem, nomeadamente, “documentos informativos, registos fotográficos, atividades e saídas”, “os trabalhos das nossas crianças, fotos, notas...” e “conheço diferentes inspirações para esta prática, como Reggio - Emília, Modelo da Escola da Ponte, Escola Moderna, entre outras”.

Já no segundo questionário, relativamente aos tipos de DP, dez dos treze inquiridos referiram os tipos de DP que conhecem, nomeando como DP registos fotográficos, digitais, de parede, portefólio, registos diários, relatórios finais, planificação, o relatório da atividade, os painéis, cartazes/boletins informativos, atas, cartas, decretos, documentação informativa e de aprendizagem/ conhecimento, questionários e avaliações.

Considerando que a DP construída foi, maioritariamente documentação de parede, no segundo questionário considerou-se pertinente questionar as famílias sobre a definição deste conceito. Apenas quatro dos treze inquiridos não apresentaram a sua definição. Sendo que as definições apresentadas pelos restantes foram “registo fotográfico evolutivo das atividades praticadas”, “uma espécie de mural onde se expõe evidências das atividades e da evolução das crianças”, “documentação patente, fácil de visualizar que se encontra facilmente disponível”, “todo o trabalho exposto para consulta dos pais e outros”, “cartazes informativos com as atividades, passo por passo, que os alunos fizeram”, “todas as documentações que podemos afixar e expor na parede” e “informação acessível aos pais e de certo modo visível às crianças diariamente”. Considera-se bastante pertinente a valorização, feita pelos pais, do contacto diário do grupo com a DP, já que quando a DP é partilhada com as crianças, permite a revisitação das vivências e valida o processo vivido (Edwards et al., 2016 & Cardona et al., 2021).

Análise da Documentação Pedagógica contruída

Foram construídos diferentes tipos de DP. Nomeadamente, documentação de parede, *para* toda a comunidade educativa, relativa ao projeto da horta, a diversas propostas educativas e a visitas de estudo. Para além disso, foi construída DP *com* as crianças, quer de parede, quer com recurso ao diário de campo de catorze crianças e o portefólio construído com uma das crianças do grupo.

No que diz respeito à DP construída pela investigadora relativa ao projeto da horta pedagógica, é possível compreender, através da contextualização, de que forma surgiu o projeto e as primeiras propostas realizadas, com evidências fotográficas dos momentos e

de representações gráficas construídas por duas crianças. Neste sentido, este material é considerado DP, dado que revela o pensamento (através dos mapas conceituais com as ideias das crianças), possibilita a informação e comunicação dos processos vividos, reflete a ação educativa e cria memória (Gonçalves, 2021).

Para além da DP que surgiu em torno do projeto da horta pedagógica, foi realizada DP relativa a diversas propostas educativas. São *documentação em parede*, sendo consideradas como painéis de acordo com Malavasi e Zoccatelli (2019), sendo de grande dimensão, apresentado de forma resumida os momentos vividos, com recurso a fotografias e descrições. É dada ainda relevância à qualidade da DP, que poderá incluir, para além dos aspetos já mencionados, citações, reflexões do educador e palavras-chave.

Relativamente ao cuidado estético da DP, dimensão importante, ambas as DP, tal como Malavasi e Zoccatelli (2019) defendem, estão organizadas, claras, apresentam rigor e estando esteticamente cuidadas. A DP surge em formato A3, a cores e plastificada. No que concerne à mensagem, a mesma está explícita, tanto no conteúdo como na forma. É evidente a harmonia entre as palavras e as imagens. A contextualização e a legenda colocada nas fotografias permitem que as mesmas se tornem ação documental.

As crianças do grupo participaram estão todas incluídas na DP, quer seja através dos registos fotográficos, quer dos registos escritos. Malavasi e Zoccatelli (2019) destacam a importância de se retratar a vivência do grupo, dando atenção à pluralidade, o que é claro nesta DP. É evidente a voz das crianças, quer nas através das propostas escolhidas pelas mesmas, quer pela legenda das fotografias através dos diálogos com as crianças.

A DP foi exposta no alpendre da instituição, o que possibilitou o contacto contínuo das crianças e da restante comunidade. De acordo com Cardona et al. (2021), as crianças, quando observam a DP, sentem que as suas aprendizagens são valorizadas e revisitam as experiências vividas. A DP foi exposta à altura das crianças, o que de acordo com Gonçalves (2021) é essencial para que a possam observar, interagir com os documentos, através de diversas linguagens.

Foi contruída DP *com* as crianças. As crianças têm direito à participação, neste sentido é crucial que o educador conceda voz à criança para que a mesma dialogue sobre as suas experiências educativas. É com base nesta ideia que se construiu DP com as crianças. Neste sentido, Oliveira-Formosinho e Pascal (2019) afirma que numa perspetiva inclusiva, faz-se DP *com* todos os intervenientes, negando a ideia que se faz DP apenas *para* todos os intervenientes.

A DP construída pelas crianças com a investigadora, evidenciou a sua voz aquando do momento de fotografar, da escolha das fotografias e respetiva legenda, da seleção do título e da escrita do mesmo. O processo possibilitou a cooperação, o desenvolvimento de competências no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, desenvolvimento da comunicação e treino de competências como o recorte e a colagem.

A DP reflete o processo vivido por todo o grupo em torno da horta. Malavasi e

Zoccatelli (2019) destacam a importância de se retratar a vivência do grupo, dando atenção à pluralidade, o que é visível nesta DP.

Revisitação de Documentação Pedagógica

Em grande grupo, realizou-se um diálogo que consistiu na revisitação da DP. A DP sobre a qual recaiu a revisitação em grande grupo foi sujeita a análise anteriormente, tendo sido discutidas as características dos documentos que os tornam DP. Posto isso, considera-se fundamental, olhar o diálogo do grupo e compreender a importância da revisitação, a planificação tendo por base essa revisitação, do papel do educador e da pertinência da participação da família.

A revisitação da DP sobre o projeto permitiu que as crianças narrassem as vivências do grupo desde o início do projeto e conversassem sobre as suas experiências com base nas fotografias, salientando o que foi mais relevante na sua perspetiva:

DP I - Lara (6 anos): “Na primeira foto, nós fomos à horta e primeiro tiramos os tomates, depois tirámos as canas e depois pusemos os tomates dentro de uma taça e comemos. Este desenho era da nossa horta.”

DP II - Marco (5 anos): “Aqui nós começamos a procurar bichos que estavam na horta. Encontrámos caracóis, aranhas, bichos da conta e outros bichos. Os meninos fizeram corridas de caracóis e fizemos uns desenhos sobre os caracóis. Na outra fotografia fomos ver as árvores que estão cá.”

Continuação da DP II - Carlos (5 anos): “Depois fizemos os diários. Procuramos no computador coisas sobre a horta. Aqui a Carla estava a provar a rúcula e o Miguel a ver os bichinhos. Depois pusemos os bichinhos dentro dos copos para todos os meninos verem.”

DP III – Salvador (5 anos): “A professora estava a pôr canas para separar os canteiros. Depois estávamos a semear as sementes que trouxemos de casa. Os pais e avós deram. Depois vimos as sementes.”

Na perspetiva de Malavasi e Zoccatelli (2019), a análise da documentação, por parte das crianças, para além da reconstrução das experiências vividas, contribui para que as crianças adquiram ou desenvolvam a sua noção temporal, aspetos que se verificaram durante a revisitação realizada.

Posteriormente foi realizado um diálogo com o objetivo de planificar as propostas seguintes, onde foram questionadas às crianças ideias de propostas a realizar no âmbito do projeto da horta pedagógica. No desenrolar do diálogo quando questionadas sobre o que poderíamos fazer com os produtos hortícolas, uma das crianças respondeu “Podemos pedir aos avós para nos ajudarem com receitas (Patrícia - 6 anos). Este diálogo permitiu que se tomassem decisões acerca do rumo a tomar dentro do projeto, o que é fundamental já que um dos propósitos da DP é precisamente possibilitar a planificação com base na sua revisitação. Malavasi e Zoccatelli (2019) referem que a DP serve de indutor para novas experiências. Partindo da afirmação transcrita anteriormente, foi evidente a vontade

do grupo voltar a incluir as famílias no projeto. Esta sugestão das crianças poderá estar relacionada com o facto de, durante o diálogo, se ter feito referência ao facto de se terem semeado sementes que as famílias facultaram. Ou seja, incluir família no projeto permite que as crianças pensem na família como um suporte que poderá auxiliar o grupo no decorrer do mesmo.

A DP exposta permite, como referido, que toda a comunidade a possa observar. Foram diversos os episódios em que as crianças partilhavam a DP de parede com os familiares. Esta possibilidade de partilha entre a instituição e família, permite a partilha e uma reflexão conjunta acerca da vida das crianças no JI.

Diário de Bordo: A Horta Pedagógica

O *Diário de Bordo da Horta*, diário individual de cada criança, foi um instrumento riquíssimo de DP, dado que foi construído *pelas* crianças. Os diários foram construídos com recurso a fotografias, desenhos, colagens e recados para as famílias a solicitar a sua colaboração no projeto. As crianças decidiram os momentos que pretendiam registar, tendo sido desafiadas pelos adultos a registar alguns em específico. As crianças recortaram as fotografias, escreveram os títulos com o auxílio dos adultos, descreveram todos os momentos, transcritos pelos adultos. Considera-se que a construção do diário foi muito significativa para as crianças, dado o leque de experiências e aprendizagens que promoveu. Considerámos interessante que as crianças, se assim entendessem utilizassem fotografias nos seus diários, sendo que o adulto escrevia a respetiva descrição do momento, pela voz da criança. Malavasi e Zoccatelli (2019) afirmam que é fundamental conceder uma interpretação às fotografias, para que a sua utilização se torne uma ação documental.

Considera-se que o diário foi significativo para as crianças por duas razões. A primeira relaciona-se com a observação do interesse e envolvimento das crianças aquando da sua construção, a segunda prende-se com o facto dos pais, quando questionados sobre a DP, afirmarem que as crianças conversavam sobre do diário “no caso da criação da horta, foi-me dizendo o que plantou e o que colheu”, “a Leonor fala muito da horta, gosta de mostrar o caderno da horta” e “a horta foi um dos temas que ele abordou bastante em casa”.

Cardona et al. (2021) afirma que o processo de documentação permite conhecer as crianças. No caso do diário em concreto permitiu compreender quais os aspetos que foram mais significativos para cada criança, no âmbito do projeto. O trabalho individual permitiu que se compreendessem as preferências e interesses das crianças. De acordo com Malavasi e Zoccatelli (2019) a construção de um diário pessoal é uma ferramenta interessante no que se refere à documentação individual da criança, uma vez que retrata o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Este tipo de documentação, no entanto, não permite que se documentem todos os momentos de todas as crianças, o que leva a

que os adultos tenham de fazer escolhas. Nesse sentido, os autores destacam a relevância da documentação em grupo para que se consigam compreender os registos individuais. Observou-se que as crianças, frequentemente, quando documentavam as situações no seu diário de campo faziam referência ao grupo.

Outro aspeto que destacamos da construção dos diários foi a participação da família. Dada a pequena dimensão do diário, tamanho A5, verificou-se facilidade no seu transporte para casa. Foram enviados dois pedidos de colaboração às famílias, que se envolveram no projeto. De acordo com Cardona et al. (2021) estes registos individuais são importantes na comunicação com as famílias, permitindo investir na construção partilhada da história de crescimento de cada criança” (Malavasi e Zoccatelli, 2019, p.36).

Portefólio

Outro instrumento que evidenciou potencial enquanto documentação pedagógica foi o portefólio individual construído com uma criança do grupo, a Matilde. Esta criança esteve verdadeiramente empenhada na construção do portefólio, revelando vontade de documentar diversos momentos do seu dia. A Matilde demonstrava uma grande admiração por se rever nas fotografias, pedindo para ser fotografada e para fotografar diversos momentos do dia. Considero que a utilização dos códigos *QR CODE* que possibilitavam o acesso a vídeos foram uma técnica inovadora. A criança solicitava a gravação de vídeos, com o objetivo de os partilhar com a família por meio desta técnica. Os pais demonstraram uma grande satisfação com o acesso a estes vídeos, o que foi perceptível através de conversas informais. Considero que a diversidade e combinação de técnicas utilizadas são benéficas no processo de construção dado que, deste modo, é possível “fazer falar as informações que a documentação nos oferece” (Oliveira-Formosinho e Pascal, 2019, p.127).

O portefólio foi levado para casa duas vezes e, para além desses momentos, por duas vezes, proporcionou-se a oportunidade de olhar o portefólio com a Matilde e com a sua mãe. A criança fez uma descrição do processo de construção do portefólio e dialogou sobre todos os momentos retratados. A família participou no portefólio realizando um texto com fotografias sobre a Matilde, onde inclui as suas características, gostos, qualidades, a sua relação com a família e com o mundo.

Considero que o portefólio construído com a criança cumpriu o seu propósito: tornar visível a aprendizagem da criança, revelando “o percurso, o processo e a evolução da aprendizagem e competências da criança” (Belgrad, Burke e Fogarty, 2008 citados em Silva e Craveiro, 2014, p.38). Este instrumento possibilitou uma comunicação mais efetiva com a família, que se mostrou interessada em acompanhar e participar na análise e construção do portefólio. Considera-se também que aproximou a família da investigadora, proporcionando diversos diálogos sobre o quotidiano da Matilde no Jardim de Infância.

A criança e a Documentação Pedagógica

No primeiro questionário, quando questionados acerca do envolvimento dos seus filhos na construção da DP, 41% dos inquiridos responderam de forma positiva, sendo que os restantes inquiridos afirmam não ter conhecimento.

No segundo questionário, 61,5% dos inquiridos revelam saber que o seu educando foi envolvido na construção de DP, sendo que um deles reforça que a criança “fez um portefólio. Desta forma pude falar com a estagiária que a acompanhou sobre vários aspetos da minha filha: as suas maiores dificuldades e frustrações, mas também aquilo que mais gosta de fazer e o que tem mais aptidão”.

Também no último questionário, dos inquiridos, 38,5% afirmam que as crianças conversam acerca da DP em casa, dando alguns exemplos, nomeadamente “sempre que fazia algo no portefólio chegava a casa e contava e queria sempre colocar muitas fotos no portefólio”, “no caso da criação da horta, foi-me dizendo o que plantou e o que colheu”, “a Leonor fala muito da horta e gosta de mostrar o caderno da horta” e “a horta foi um dos temas que ele abordou bastante em casa e todo o processo de desenvolvimento do portefólio”.

A importância da DP no quotidiano do JI foi particularmente visível na situação seguinte,

Alice estava a observar a DP que se encontrava exposta no alpendre da instituição. Alice revelou sempre um enorme interesse pela DP.

Jéssica: O que estás a fazer, Alice?

Alice (6 anos): A ver a documentação pedagógica.

Jéssica: O que é a documentação pedagógica para ti?

Alice (6 anos): É as atividades que tu fazes com os meninos. Tem fotos, o título e as palavras que os meninos dizem.

(Descreve todas as fotografias de todas as documentações pedagógicas, dizendo os nomes das crianças e a ações que estavam a realizar).

Jéssica: A documentação pedagógica é importante?

Alice (6 anos): É importante para os pais saberem o que nós fazemos e não ficam preocupados.

Jéssica: É só para os pais?

Alice (6 anos): Também é para os tios, para os avós e para toda a nossa família e os amigos verem.

Jéssica: Participaste em todos os momentos que estão na documentação pedagógica?

Alice (6 anos): Não. Mas quando eu não vim um dia, depois vi nas fotografias o que os amigos fizeram. Vi as fotografias e depois perguntei ao Manel e ele contou-me que foi o dia de fazer desporto.

(A Alice vai brincar)

Analisando o diálogo é possível perceber que a criança compreende o propósito da DP e que a mobiliza no cotidiano, como demonstrado quando afirma questionar outras crianças sobre as vivências no JI durante a sua ausência. As características que a criança refere relativamente às componentes da DP são reflexo dos diálogos realizados em grande grupo, onde eram lidas todas as informações. A descrição detalhada que fez de cada uma das DP expostas vai ao encontro da perspectiva de Fochi (2021) quando afirma que a DP permite narrar o cotidiano. Sublinha-se a referência feita pela criança à comunicação com as famílias. Este diálogo evidencia que as próprias crianças olham para a DP exposta nas paredes como instrumento de comunicação com as suas famílias, o que clarifica o papel fundamental que a DP desempenhou neste JI no que diz respeito à relação entre a criança, o JI e as famílias.

A Família e a Documentação Pedagógica

No primeiro questionário, no que concerne ao envolvimento da família no processo de construção da DP, apenas dois inquiridos não o consideraram importante. Os pais que responderam de forma positiva justificam, dizendo, por exemplo, “todo o papel dos pais é importante no desenvolvimento da criança, tanto em casa como na escola, e vice-versa”, “ajuda-nos a refletir sobre a evolução da criança, e a fazer escolhas sobre o melhor caminho a seguir tendo em conta essa mesma evolução e interesses” e “faz todo o sentido. Só no triângulo criança - família - escola poderá estar o sucesso da aprendizagem e sucesso escolar”. Alguns inquiridos afirmam, no entanto, que “poderia ser mais interessante, envolver mais a família” e que “para já não houve muito envolvimento da família”.

Relativamente à forma como já foram envolvidos na construção de DP, apenas 50% dos pais afirmam ter sido envolvidos, justificando que consistiu na realização de trabalhos manuais e atividades realizadas em casa com a família. Apenas um inquirido não revelou interesse quando questionado se teria interesse em participar neste processo e outro respondeu “talvez”, o que revela que a grande maioria tem interesse nesta participação.

No segundo questionário, relativamente ao interesse em participar na construção da DP, onze dos treze inquiridos responderam de forma positiva, afirmando que “todas as atividades em que os pais participam são de grande valor para as crianças”, “para proporcionar a relação aluno/escola/família”, “é sempre bom a família estar envolvida” e para “poder estar mais participativo no dia-a-dia do meu filho na escola”. A perspectiva dos pais coincide com a perspectiva de Mata & Pedro (2021), que referem que a comunicação com as familiares permite que as mesmas se sintam valorizadas e acompanhem o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Percebemos que, de um modo geral, os pais se apropriaram do conceito de DP, dado que a associam à utilização de documentos com o objetivo de revelar o cotidiano no JI. Sublinhamos ainda a importância da afirmação “trabalho exposto para consulta de pais e

outros”, dado que se incluem pessoas para além das famílias, aspeto que muitas das vezes não é tido em conta quando se reflete sobre DP.

CONCLUSÕES

A investigação apresentada no presente artigo surgiu da necessidade e do interesse em aprofundar os conhecimentos relativamente à DP. Dessa forma, foi formulada a seguinte questão de investigação: *De que forma a construção de documentação pedagógica revela o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças e contribui para a comunicação com as famílias.* Foram delineados objetivos de investigação de modo a obter a resposta à mesma, nomeadamente: aprofundar o conceito de DP; conhecer as características, tipos e finalidades de DP; entender como se pode construir DP que revele a aprendizagem das crianças; conhecer a perspetiva da educadora de infância e das famílias sobre o processo de documentação na Educação Pré-Escolar; refletir sobre o processo de construção de documentação vivenciado num contexto de JI.

As pesquisas realizadas possibilitaram um aprofundamento dos conhecimentos sobre a DP, tendo em conta as suas características, tipos e finalidades. Assim, foram atingidos os dois primeiros objetivos definidos.

No que concerne ao terceiro objetivo, que diz respeito à construção de DP que revele a aprendizagem das crianças, verificou-se que são diversas as formas de revelar as vivências das crianças no JI. Através de DP de parede, aos diários de campo e ao portefólio foi possível narrar a história do grupo e de algumas crianças em particular.

Relativamente a conhecer a perspetiva das famílias sobre o processo de documentação na EPE, foi evidente com base nos questionários realizados o desconhecimento inicial sobre o tema. No entanto, a construção e partilha de DP permitiu que os inquiridos compreendessem alguns dos tipos, características e funções da DP. Foi possível verificar que os pais consideram a realização de DP fundamental no JI.

Durante todo o processo foi claro o interesse e envolvimento das famílias, o que facilitou a comunicação, realizada de forma contínua. O facto de, para além de exposta na instituição, a DP ter sido enviada aos pais através do email, na perspetiva dos mesmos, foi fundamental para uma proximidade entre o JI e a família, dado que permitiu um acesso mais fácil e contínuo à DP.

A transição do diário de bordo entre o JI e a as famílias foi também essencial dado que permitiu um acompanhamento da família relativamente às experiências vividas. O diário tornou-se um instrumento partilhado que revela a história da criança em torno do projeto. Assim, e através dos pedidos de participação da família remetidos no diário, foi possível cruzar e solidificar a vida em família e a vida no JI.

As crianças, com base na descrição da DP exposta, comunicaram às famílias de forma clara o que viveram, sentiram e realizaram. Deste modo, revelaram a sua agência,

voz e autonomia no processo. Neste sentido, foi evidente o envolvimento das crianças na construção e observação da DP e que este instrumento se tornou, de facto, importante para as mesmas no quotidiano no JI.

A DP, através da partilha entre a instituição e a família, possibilitou uma reflexão conjunta relativamente ao processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Este objetivo permitiu também responder ao último objetivo, dado que através da análise aos questionários e à entrevista foi possível verificar que, quer a educadora quer os pais (re)viveram a história do grupo com base na DP construída. Ao longo de todo o percurso foi possível cumprir o último objetivo - refletir sobre o processo de construção de documentação vivenciado num contexto de JI.

Estão espelhadas neste artigo as potencialidades da DP na EPE, nomeadamente revelar o pensamento, criar memória, narrar uma história, permitir que se conheça o outro, que se comunique com a família e comunidade, observe, questione, planeie e avalie.

Relativamente à questão de investigação, com base na revisão de literatura e nos dados obtidos, concluímos que existem diversas as formas de revelar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças com base na DP, nomeadamente, a construção de DP de parede, de diários de bordo e do portefólio. Verifica-se que, independentemente do tipo de DP e do recetor, é essencial que se dê voz à criança, protagonista da DP, e que se olhe para ela como um ser capaz de conhecer e participar ativamente no seu processo de aprendizagem. É fundamental considerarem-se aspetos como o cuidado e rigor na dimensão estética. Relativamente à segunda parte da questão, que se centra na comunicação com as famílias, o presente estudo demonstra que a DP permite a comunicação, partilha e interação do JI com a família, contribuindo para a narração conjunta da história de cada criança. A DP construída com base nestes pressupostos permite dar visibilidade à Educação de Infância.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

CARDONA, Maria; SILVA, Isabel; MARQUES, Liliana; RODRIGUES, Pedro. **Planear e avaliar na educação pré-escolar**. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE), 2021.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FOCHI, Paulo. A documentação pedagógica como estratégia para a renovação pedagógica. In: CALLOU, Rúbia; FERNANDES, José H. P. (Org.). **Educação infantil em pauta**. São Paulo: DGPE Editora, 2021. p. 141-156.

GONÇALVES, Nuno. O segredo da raposa: desocultar o invisível. In: OLIVEIRA, Miguel; RODRIGUES, Maria; MILHANO, Sandrina (Eds.). **Diálogos sobre educação de infância**. Leiria: Associação de Profissionais de Educação de Infância e Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, 2021. p. 122-138.

LIMA, Ana. A documentação pedagógica como alicerce da planificação solidária e da avaliação das aprendizagens. **Cadernos de educação de infância**, Lisboa, v. 116, p. 2-8, jan./mar. 2019.

MALAVASI, Laura; ZOCCATELLI, Barbara. **Documentar os projetos nos serviços educativos**. 4. ed. Lisboa: APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância, 2019.

MATA, Lúcia; PEDRO, Isabel. **Participação e envolvimento das famílias**. Portugal: Ministério da Educação, 2021.

OLIVEIRA, Miguel. **Documentar e avaliar o quotidiano e a aprendizagem da criança**. Coleção Infância & Educação. Lisboa: APEI & IPL, 2024.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; PASCAL, Christine. **Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil: Um caminho para a transformação**. Porto Alegre: Penso, 2019.

SILVA, Isabel L.; MARQUES, Líliliana; MATA, Lourdes; ROSA, Manuela. **Orientações curriculares para a educação pré-escolar**. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE), 2016.

SOUSA, Alberto. **Investigação em educação**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

VILELAS, José. **Investigação – O processo de construção do conhecimento**. Lisboa: Edições Síbalo, 2009.